

# Primeiro como tragédia, depois como farsa? AUR e a longa sombra do fascismo na Romênia

Via [International ViewPoint](#)

No clima político atual, testemunhando uma ascensão dos partidos de extrema-direita em toda a Europa, e uma mudança mais geral para a direita na política geral global, a Romênia foi frequentemente apontada como uma exceção a este respeito, certamente quando se tratava da área da Europa Central, Oriental e do Sudeste. Desde 2008, quando o Partido da Grande Romênia (Partidul România Mare, PRM) não atingiu o limite eleitoral de 5% para entrar no Parlamento, não havia partidos de extrema-direita nem de direita radical no Parlamento romeno. A partir do dia 6 de dezembro, data das últimas eleições legislativas, a “exceção romena” não existe mais.

Uma nova formação política, a Aliança para a União dos Romanos (Alianța pentru Unirea Românilor), cuja sigla, AUR, significa “ouro” em romeno, obteve 9,07% dos votos para a Câmara dos Deputados e 9,17% dos votos para o Senado, tornando-se o quarto maior partido do atual Parlamento. Seu sucesso é ainda mais notável desde que o partido foi criado há apenas um ano, em 1º de dezembro de 2019 – o dia nacional simbolicamente escolhido da Romênia que remonta a 1918 e é conhecido como o “Dia da Grande União”. A este respeito, o partido recorda a sorte eleitoral da extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD), que por pouco não alcançou o limite de 5% para entrar no Bundestag cerca de seis meses após sua criação em 2013, e teve seus primeiros sucessos eleitorais nas eleições estaduais (Saxônia, Turíngia, Brandenburgo) e para o Parlamento Europeu em 2014. [1] Portanto, há um argumento a favor da leitura

deste resultado eleitoral dentro da estrutura geral da evolução do “populismo” de direita – um termo que, no entanto, tem sido tornado quase sem sentido por excesso de uso e que encobre diferenças significativas dentro do espectro político que cobre – na Europa e em outros lugares, e esse argumento foi de fato feito. Existem, entretanto, também boas razões para olhar mais de perto para as especificidades romenas deste instante da extrema direita europeia contemporânea e suas ligações com o fascismo romeno entre guerras, e é aqui que espero que minha contribuição possa ser de alguma ajuda.

Ao contrário do “populismo” aparentemente mais benigno (algo que em si mesmo é problemático), a associação feita imediatamente pelos comentaristas sobre o sucesso eleitoral da AUR foi com o “fascismo”, e especificamente a forma nativa que tomou na Romênia entre as duas guerras, com a “Legião do Arcanjo Miguel” / “Guarda de Ferro”. Especialistas sobre o tema foram entrevistados, oferecendo valiosos insights sobre o papel da Igreja Ortodoxa romena (Biserica Ortodoxă Română, BOR) na contabilidade deste resultado, apontando para continuidades com o nacional-comunismo do regime de Nicolae Ceaușescu (erroneamente, na minha opinião), enquanto outros ofereceram valiosas análises baseadas em classes que, no entanto, ignoraram as especificidades do fascismo romeno entre guerras ou seus legados na Romênia pós-socialista. Uma análise caracteristicamente clara por um dos mais proeminentes especialistas do movimento legionário, Roland Clark, foi tanto a mais direta quanto a mais preocupante, perguntando “O fascismo está voltando à Romênia?” e sugerindo uma resposta positiva, influenciada no entanto pela consciência das diferentes condições do século 21 e da importância das influências contemporâneas, de Donald Trump a Viktor Orbán, na contabilidade das estratégias da AUR. [2] Minha própria tomada de posição sobre o assunto segue linhas semelhantes, com uma resposta muito mais direta de “sim” à pergunta de Roland, e uma resposta que fatores em uma das importantes semelhanças estruturais entre a Romênia interguerra e a Romênia atual, ou

seja, a ausência de uma esquerda credível, organizada, eleitoral e poderosa como motor de uma política baseada na classe, em vez de uma política baseada na nação / religião.

A primeira coisa a se notar é a novidade da AUR no cenário político pós-socialista da Romênia. A distinção muito útil feita por Michael Shafir entre partidos de 'continuidade radical' e 'retorno radical' dentro do espectro da política de direita no pós-1989 da Europa Oriental é uma distinção importante aqui. [3] O primeiro continuou o nacionalismo da era socialista, com "continuidade" claramente visível no nível das elites (Corneliu Vadim Tudor, Adrian Păunescu, etc.) no caso romeno; enquanto que o segundo denunciou o comunismo como um todo e remeteu aos modelos da era entre guerras, muitas vezes relacionados à fascista "Legião do Arcanjo Miguel". Foram os primeiros partidos, de "continuidade radical", que se destacaram na política romena nos anos 90, numa época em que a Romênia estava sendo destacada não pela ausência da direita radical, como foi durante a última década, mas por sua virulência. Em contraste, até três semanas atrás, apesar do número de tais organizações (desde o Movimento Pela Romênia dos anos 90 – Mișcarea Pentru România – até o Partido "Todos pelo País" Partidul Totul Pentru Țară – que assumiu o nome exato da organização do partido político da Legião para a extraparlamentar Nova Direita (Noua Dreaptă) e seu radicalismo, eles permaneceram confinados à margem política, sem nenhuma proposta credível de representação eleitoral.

Apesar de suas muitas semelhanças em termos de nacionalismo e xenofobia, diferenças importantes também se destacam, evidentes, por exemplo, em suas respectivas atitudes em relação à história romena. Para os partidos de "continuidade radical", o ponto de referência histórico, e alguém cuja reabilitação eles incessantemente buscaram, foi Ion Antonescu: ditador autoritário da Romênia em tempo de guerra, anti-semita, genocida e pessoa responsável pela perpetração do Holocausto na Romênia; mas, o mais importante, não um

fascista. Sua atitude em relação ao regime comunista também foi muito mais ambivalente, pois uma rejeição muito simples teria levantado questões sobre as filiações de sua própria liderança com o antigo regime. Para os partidos e movimentos de “retorno radical”, os modelos eram e são os membros da resistência armada anticomunista e os chamados “mártires” e “santos da prisão” que haviam sido vítimas da repressão sob o antigo regime socialista, ambos os grupos dominados esmagadoramente por antigos membros do movimento legionário. [4] Eventualmente, a liderança legionária, grande parte da qual foi assassinada ou executada sob a ditadura do rei Carol II, também foi exaltada como “mártires” da causa nacional.

Por sua vez, o regime socialista foi condenado em termos inequívocos, como uma imposição estrangeira e um hiato não natural na história da nação, pois o anticomunismo tornou-se (e continua sendo com a AUR) um dos princípios centrais na ideologia de tais grupos. A diferença é reveladora: para partidos como o PRM as referências históricas apontavam para o Estado e seus representantes, sejam eles Antonescu ou (mais discretamente) Ceaușescu; para grupos neo-legionários, eles são para um movimento anti-establishment engajado em resistência (ocasionalmente armada) e ação violenta contra o Estado, seja a parcial e frágil democracia romena entre guerras ou o regime socialista do pós-guerra.

Isto me leva a um importante esclarecimento a respeito do fascismo. Subscrevo o consenso atual nos estudos acadêmicos de história e neo-fascismo que se inspira na definição de fascismo de Roger Griffin como “um gênero de ideologia política cujo núcleo mítico em suas várias permutações é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista”. [5] Entendido nesta linha, o elemento palingenético que promete um renascimento ou regeneração da nação a partir de um suposto estado atual de decadência e o apelo populista às “massas” são a chave para entender o fascismo como uma ideologia revolucionária e uma forma de política. Isto nos permite

distinguir os movimentos e regimes fascistas dos conservadores autoritários – Antonescu nunca buscou popularidade e visou preservar o estado romeno, não transformá-lo radicalmente – e vê-los como a contrapartida revolucionária de direita ao desafio socialista da hegemonia liberal-capitalista. Uma revolução da direita, denunciando o materialismo da esquerda e elevando a “cultura” acima das preocupações econômicas; estes são os termos segundo os quais o fascismo deve ser entendido. É também por isso que ele pode parecer relativamente sem sentido e incoerente quando abordado de uma perspectiva estritamente materialista: as ideias fascistas sobre a economia, suas noções de “terceira via” entre capitalismo e socialismo, sempre difusas e mal articuladas, combinando uma condenação da plutocracia com garantias de propriedade privada, sempre foram e ainda são menos importantes que a cultura para os próprios fascistas. É também por isso que eles podem facilmente ganhar vantagem em matéria de “política de identidade”, sempre seu terreno preferido, descartando as desigualdades econômicas que a sustentam. No entanto, o resultado pretendido do projeto fascista, no período entre guerras como hoje, não é a preservação do status quo, mas sua completa revisão – as evidências dos casos em que os fascistas chegaram ao poder fornecendo amplas evidências disso.

Com estas considerações em mente, devemos estar genuinamente preocupados com as reivindicações de um dos co-presidentes da AUR, George Simion, para representar um movimento anti-establishment contra “um sistema podre” e para ser “uma forma de revolução”. Para que ninguém tenha dúvidas quanto à forma específica da revolução da AUR, a página da revista Rost, administrada pelo outro co-presidente da AUR, Claudiu Târziu, esclarece isso em termos palingenéticos explícitos, auto-identificando-se como “uma revista para a ressurreição nacional e cristã”. O artigo mais recente escrito por Târziu na página da Rost, no final da campanha eleitoral de 4 de dezembro de 2020, intitula-se significativamente “o sinal da revolução conservadora”. Com declarações como estas,

testemunhamos o retorno de um tipo de ultra-nacionalismo palingenéticos e revolucionário ao parlamento romeno pela primeira vez desde o período entre as duas guerras. E se George Simion pudesse ser uma relativa novidade na política romena, com sua formação em grupos de ultra-nacionalistas do futebol e não em partidos políticos, Claudiu Târziu é extremamente conhecido nos fóruns neo-legionários e entre os pesquisadores do movimento legionário como alguém com uma longa carreira promovendo o movimento legionário no espaço público romeno. Târziu também se destacou na campanha de 2018 da “Coalizão para a Família”, uma associação de ONGs com vínculos diretos com a AUR, por um referendo fracassado que procurou tornar inconstitucional o casamento gay (apesar de já ser ilegal sob a atual legislação romena). O terceiro membro do triunvirato que forma a liderança da AUR é o filósofo Sorin Lavric, notório por suas simpatias legionárias, assim como por sua misoginia e racismo extremos. Em uma entrevista que relata sua referência à minoria cigana como “um flagelo social”, o escritor esclareceu que “a inclinação da etnia cigana para este tipo de crimes” (roubo, mendicância e prostituição) é “bem conhecida e comprovada estatisticamente”, reproduzindo assim um dos estereótipos racistas mais comuns sobre os ciganos na Romênia.

Considerando os antecedentes dos três líderes da AUR, o programa e a doutrina do partido não é uma surpresa. Fundado sobre os quatro pilares da “família, pátria, fé e liberdade”, sua doutrina identifica o partido como conservador (embora os conservadores não sejam historicamente conhecidos por suas propensões revolucionárias), a favor de uma “Europa das Nações” (um dos pilares do fascismo histórico e da extrema-direita europeia contemporânea), e “inflexível contra a colonização da Europa com populações estrangeiras” – uma noção que não estaria fora de lugar nos manifestos de terroristas de extrema-direita como Anders Breivik ou Brenton Tarrant. É importante notar que isto também está alinhado com a retórica dos partidos de extrema direita no poder na região da Europa

Central e Oriental, como Fidesz na Hungria ou PiS na Polônia, no que diz respeito à migração. Enquanto este último é explicitamente identificado pela liderança da AUR como um partido semelhante e um modelo a ser seguido até certo ponto, o nacionalismo anti-húngaro da AUR impede qualquer referência positiva a Viktor Orbán ou Fidesz. Curiosamente, quando se trata da linguagem do programa da AUR, a oposição à “colonização” e as referências ao artigo 3 da atual (e também da primeira, 1866) Constituição romena que proíbe a colonização do território romeno é outro elemento que estava faltando nos programas político-partidários romenos desde a retórica legionária entre-guerras da “colonização judaica”. Enquanto o partido é pró-europeu, sua noção de “Europa” é fundamentada em seus “valores clássicos” e em três “paradigmas culturais principais (filosofia grega, direito romano e cristianismo)”, mais uma vez apontando para a exclusão de grupos não cristãos – embora não haja referências explícitas a muçulmanos, judeus ou outros grupos religiosos no programa do partido. Entretanto, uma versão atualizada do anti-semitismo do século 21 – através de referências a representantes do governo na folha de pagamento de George Soros – é promovida pelos membros do partido AUR nas mídias sociais. Uma denúncia generalizada de toda a classe política que lembra o movimento legionário é dobrada pela forte oposição a “qualquer forma de marxismo contemporâneo”, com “formas camufladas do flagelo neo-Marxista” incluindo o “politicamente correto, ideologia de gênero, igualitarismo, ou multiculturalismo”.

As semelhanças ideológicas com o fascismo romeno entre-guerras – adaptadas a um contexto do século 21, como as organizações neo-fascistas estão acostumadas a fazer desde que os uniformes saíram de moda – são, no entanto, apenas parte da história. O sucesso que o movimento legionário no período entre guerras teve no crescimento de um grupo de cinco estudantes nacionalistas para o terceiro maior partido da Romênia nas eleições gerais de 1937 deveu-se pelo menos tanto a suas estratégias de mobilização. Também aqui existem importantes

paralelos com a AUR. Em primeiro lugar, as origens extraparlamentares de sua liderança e o fato de não terem sido anteriormente associados a outros partidos políticos dão credibilidade à sua demissão por completo do estabelecimento político, assim como a Legião sempre alegou não estar engajada na política (todas as evidências, tais como sua representação parlamentar, ao contrário). A “guerra ideológica cuja conclusão será a remoção da classe política atual” que Sorin Lavric promete não é apenas uma tática eleitoral, no entanto, porque seu estilo distinto, que se baseia em uma forma de política antipolítica (animada pela “recuperação do sentido místico de ser cristão” tanto para Lavric como para os legionários), é uma característica constitutiva do fascismo. Em segundo lugar, a AUR se orgulha de seu estilo diferente de propaganda eleitoral, seu engajamento popular com o eleitorado, online e offline, a pé, através da comunicação pessoal, “em um mercado atrás do outro”, apesar das restrições em vigor durante a pandemia. Em 1931, um relatório da polícia foi responsável pelos primeiros sucessos eleitorais legionários com a “intensa e permanente propaganda realizada nas aldeias por Corneliu Zelea Codreanu [o líder da Legião] e seus dedicados correligionários”. Ele enfatizava que os legionários sabiam como engajar os camponeses, “como alcançar suas almas, indagando sobre todas as suas necessidades, tomando tempo para sentar-se ao redor de uma panela fervente de sopa ou polenta”, e via nesta estratégia a “superioridade” da propaganda legionária. Em terceiro lugar, tanto a AUR quanto o movimento legionário enfatiza(vam) a ação, “atos” como os legionários os chamavam, sobre as palavras, quer isto envolva, no caso da AUR, reuniões de protesto, marchas sindicalistas nacionais (de Alba Iulia, o lugar simbólico da União de 1918, à Chişinău, a capital da República da Moldávia), confrontos violentos com membros da minoria húngara sobre a política de memória de um cemitério da Primeira Guerra Mundial, ou projetos de arrecadação de fundos para a construção de casas ou de um hospital. Todos estes recordam (como certamente fazem para líderes da AUR como Târziu ou



Lavric, que conhecem sua história legionária) as marchas de inverno a pé dos legionários, sua resistência em superar as restrições à sua atividade e até mesmo a brutalidade policial (que George Simion também menciona), os infinitos casos de violência legionária contra membros da minoria judaica, ou seus famosos campos de trabalho voluntário construindo e reparando estradas, igrejas, dormitórios estudantis e, sim, até mesmo um hospital. [6]

Seja intencional (o que parece mais plausível dada a familiaridade da liderança da AUR com a propaganda eleitoral legionária) ou por coincidência, em ambos os casos tais ações foram e são usadas para deslegitimar ainda mais toda a classe política, descartadas como corruptas e ou comprometidas com ganho pessoal ou propensas a influência estrangeira. Este contraste é então empregado para enfatizar ainda mais a “singularidade” das respectivas organizações como representativas do “interesse nacional” e que elas constituem a única alternativa à “política como de costume” dos outros partidos. Em seu primeiro discurso no Parlamento, Simion instigou os romenos a uma “greve fiscal”, encorajando-os a se recusarem a pagar seus impostos, uma vez que estes serão de qualquer forma mal utilizados pelo governo. Este contato direto com o eleitorado, não mediado por instituições políticas, é habilmente ‘realizado’ nos vídeos postados na mídia social por George Simion – em um desses exemplos, etiquetado “meu presente de Natal para os romenos” e postado em 24 de dezembro, ele anunciou que doará 90% de seu salário parlamentar para diferentes causas cívicas. A apresentação é cuidadosamente encenada, colocada no fundo de uma música dramática e apresentando Simion aproximando-se lentamente da câmera no corredor da Câmara dos Deputados, enquanto se dirige diretamente ao seu eleitorado e olha intensamente para a câmera no sentido de estabelecer “contato visual” com o público. Os espectadores familiarizados com a propaganda legionária podem ser desculpados por terem uma estranha sensação de déjà vu. Além disso, muitos membros da AUR estão

usando o traje tradicional camponês “nacional” no Parlamento e em reuniões públicas, como os legionários do entre-guerras também fizeram.

Em uma das economias de crescimento mais rápido da UE que também está consistentemente assinalada como um dos piores países da UE no que diz respeito à desigualdade de renda e onde a negação das autoridades romenas sobre a extensão da pobreza e da discriminação contra os extremamente pobres, especialmente os ciganos, foi notada pelo Relatório Especial da ONU sobre pobreza extrema e direitos humanos, um partido que se opõe com firmeza a qualquer forma de igualitarismo como “neo-Marxista” é de fato uma má notícia. [7] Também levanta a questão de por que tal partido estaria apelando para um segmento tão significativo do eleitorado. E aqui a ausência de uma alternativa de esquerda confiável vem em primeiro plano, quer estejamos pensando na popularidade do movimento legionário no período entre guerras ou nos resultados eleitorais recentes. Enquanto o partido político mais estável da Romênia pós-socialista é o Partido Social-Democrata (Partidul Social-Democrata, PSD), vencedor das recentes eleições também, suas credenciais de esquerda deixam muito a desejar. Por um lado, seu envolvimento no referendo de 2018 sobre o casamento gay já mencionado o viu entrar em uma aliança com a “Coalizão para a Família”, seus instigadores. [8] A propósito, embora alguns comentaristas tenham relacionado o sucesso da AUR à pandemia em curso e sua firme oposição às medidas implementadas para conter a disseminação do vírus, bem como ao baixíssimo comparecimento eleitoral (33,3%), continuo cético em relação a tais explicações. [9] A razão para isto é minha expectativa em 2018, por ocasião do referendo, de que uma organização que pode reunir 3 milhões de assinaturas para apoiar um referendo sobre a mudança da definição constitucional do casamento terá em breve representação parlamentar.

Voltando ao PSD, suas políticas econômicas podem ter sido mais

redistributivas do que as dos outros partidos, mas isso dificilmente colocará um obstáculo ao consenso neoliberal em um país onde as medidas de bem-estar social consistentemente não conseguem evitar a pobreza extrema, incluindo sua versão racializada que afeta as comunidades ciganas. Sem qualquer noção de solidariedade de classe internacional, e se baseando no mesmo nacionalismo e associação com a igreja que é o pão e a manteiga da AUR, sua fortuna contínua nas pesquisas provavelmente tem mais a ver com ter estabelecido (e até certo ponto continuado) uma presença precoce nos anos 90 nas áreas rurais completamente ignoradas pelos outros partidos da corrente dominante, que tendem exclusivamente para a classe média educada e urbana. Esta vantagem eleitoral pode desaparecer em breve se a AUR continuar visando aquele eleitorado. A tentativa de propor um novo tipo de partido de esquerda mais sintonizado com as questões de classe do que o PSD jamais foi, Demos, falhou em atrair praticamente qualquer eleitorado além de seu núcleo inicial de membros altamente instruídos, esmagadoramente urbanos e frequentemente diaspóricos, com seus apoiadores claramente incapazes de atravessar a barreira online/offline.

A situação parece semelhante à do período entre-guerras, quando a popularidade da “revolução da direita” pode ser explicada pelo preenchimento do vazio de um partido de esquerda de massa que teria representado a maioria esmagadoramente pobre da população. Com o partido comunista banido como ‘anti-nacional’ e os minúsculos social-democratas sujeitos a extensa censura e controle estatal, um sistema político fortemente inclinado à direita produziu seus desafiadores fascistas do mesmo lado do espectro político, desde que eles fossem capazes de falar a língua do campesinato (mais de 80% da população naquela época) de maneiras que os principais partidos não eram. Então, por que a pobreza generalizada não leva a uma maior mobilização ao longo das linhas de classe? Em minha opinião, isto se deve principalmente à falta de compreensão da desigualdade e da

pobreza de acordo com as linhas de classe na Romênia, com antagonismos sociais codificados em vez disso de acordo com linhas nacionalistas, anti-semitas (no período entre as guerras), ou de acordo com uma narrativa que coloca os “pobres merecedores” contra os beneficiários mais infelizes de benefícios sociais, os “socialmente assistidos” (asistați social) hoje. Em relação a este último, a produção deste lumpenproletariado e o conseqüente minar da solidariedade de classe tornou-se um consenso político virtual na Romênia pós-socialista e convenceu com sucesso os pobres de que a causa de sua miséria é encontrada com os extremamente pobres e não com a natureza exploradora do capitalismo e a posição dependente da Romênia na economia global. Acrescente-se a isto o racismo que associa todos os ciganos com os “socialmente assistidos” e grande parte desta subclasse com os ciganos (lembre-se da “defesa” de Lavric mencionada anteriormente), e há amplo espaço para uma codificação nacionalista e racista de antagonismo de classe.

Curiosamente, mudar a escala de análise do nacional para o europeu, como fiz em um post recente de blog, permite interpretar toda a diáspora romena como um proletariado desafectado e abusado, particularmente devido à sua comprovada dispensa no contexto da pandemia da COVID-19. [10] Argumentei ali que, no contexto da pandemia, “a linha vermelha que conecta as histórias dos precários catadores de espargos romenos na Alemanha e das comunidades ciganas vulneráveis na Romênia é de marginalidade e exclusão, de vidas dispensáveis e bodes expiatórios convenientes, onde raça e classe se imbricam e se jogam em diferentes escalas, desde a local, passando pela regional, até a global”. Na ausência de uma política de solidariedade que faça um balanço desses cruzamentos, não devemos nos surpreender se partidos como a AUR forem capazes de capitalizar a precária diáspora romena, ao mesmo tempo em que conduzem uma cunha nacionalista entre ela e outros grupos vulneráveis. De fato, a participação da AUR no voto da diáspora foi mais que o dobro de seu resultado geral, com mais

de 23% dos votos.

O anticomunismo estava no período entre guerras e ainda é na Romênia atual um discurso hegemônico que deslegitima ainda mais a mobilização ao longo das linhas de classe. Com o colapso dos regimes socialistas e o fim proclamado das “grandes narrativas”, uma retórica anticomunista fortemente ligada ao anti-semitismo e à russofobia tornou-se proeminente não apenas na Romênia, mas em toda a região da Europa Central, Oriental e do Sudeste. [11] Seu fascínio romeno viu o retorno dos legionários outrora perseguidos à memória pública, não como membros de um movimento fascista, mas como heróis anticomunistas e vítimas de perseguição. Com instituições nacionais dedicadas “à investigação dos crimes comunistas e à memória do exílio romeno” (com grande parte deste último de inspiração legionária) e a republicação acrítica das obras de personalidades da cultura romena que haviam sido membros ou simpatizantes do movimento legionário (por exemplo, Nae Ionescu, Mircea Eliade, Constantin Noica, Emil Cioran), muito boas condições foram criadas para o “retorno” da versão legionária do ultranacionalismo romeno depois de 1989. Afinal, os legionários eram a versão mais explicitamente virulenta do anticomunismo para se basear na história romena, e sua vitimização às mãos do regime socialista era muito real – e amplamente mediatizada através de séries documentais de TV como “The Memorial of Suffering” (Memorialul Durerii), que rodou na televisão em horário nobre entre 1991 e 1996, e intermitentemente até 2004 (com inúmeras repetições). Roland Clark está certo que o público em geral na Romênia só tem noções vagas do movimento legionário – mas quando o fazem, eu descobri que são muito mais as imagens carinhosas dos “meninos” realizando trabalho voluntário e construindo coisas do que de assassinatos políticos ou do horrível pogrom de janeiro de 1941, – mas eu diria que sua memória foi refrescada através da comemoração da vitimização sob o socialismo. Eu discordaria dele sobre os riscos envolvidos no ressurgimento do legado do fascismo romeno entre as guerras. De fato, a AUR

se dissocia do movimento histórico legionário – porque tem que fazê-lo, pois de outra forma seria ilegal sob a Lei 217/2015. Mas as reações a essa lei e à inclusão da Legião na categoria de movimentos fascistas cuja comemoração positiva é proibida, sobre a qual escrevi em outro lugar, mostram que esses riscos são mínimos de fato, sem um compromisso explícito de “terminar o que começou”.

Alegações de conluio entre legionários e comunistas na Romênia socialista devem ser colocadas em repouso, pois há muito poucas evidências históricas para apoiá-los, muito menos do que aconteceu, por exemplo, na vizinha Hungria com membros da Cruz de Flecha. O nacionalismo do regime de Ceaușescu tomou conta de elementos do nacionalismo romeno que de fato estavam endividados com a versão fascista e anti-semita defendida pelos legionários. Isto de fato fala muito da longa sombra lançada pelo fascismo romeno entre as guerras, mesmo em um regime que legitimamente os via como seus inimigos jurados. No entanto, não indica nenhuma hibridização entre os dois, muito menos sugere que “os legionários eram os mais fortes aliados do antigo regime comunista”, como parece acreditar Hodor Mădălin. O nacional-comunismo do regime de Ceaușescu se afastou das influências legionárias diretas, preferindo reabilitar figuras radicais de direita como Goga Octávio ou ditadores militares como Ion Antonescu, assim como os neo-legionários na Romênia pós-socialista (e AUR) estão se afastando do nacionalismo de Ceaușescu.

O que estamos testemunhando com a AUR é inédito na política romena pós-socialista e representa uma espécie de “retorno” precisamente por causa desta distinção, que, conseqüentemente, não pode ser enfatizada o suficiente. Como historiador não gosto de previsões, e resta saber se este retorno será a farsa contemporânea da tragédia legionária entre as guerras. Sinais de ridicularização dos parlamentares da AUR já estão aqui e isto não pressagia nada de bom para um partido que, em estilo legionário típico, se leva muito a sério e é propenso a uma

retórica de “traidores” e “guerras ideológicas”. Nem dormir no Parlamento durante sua primeira sessão e afirmar ter estado na “posição de vishuddha chakra que ativa conexões mentais especiais” se encaixa bem no compromisso inabalável com a “ressurreição nacional e cristã” da Romênia. Sinais da farsa podem estar presentes, mas os perigos apresentados pela AUR de fazer mais incursões no eleitorado e de se beneficiar da atenção associada à sua presença no parlamento são reais demais.

Como eu estava contemplando as diferenças entre o período entre-guerras e os dias atuais no que diz respeito a uma política baseada na classe na Romênia para este post no blog, eu me perguntei se o legado do regime socialista não contribuiu, paradoxalmente, para uma rejeição da “classe” como uma forma significativa de identidade e mobilização. Afinal, em um regime que se referia a todos os seus cidadãos como (triumfantes) proletários, a luta de classes não acabou e foi decisivamente vencida? E se este fosse o verdadeiro equivalente socialista existente do slogan de John Prescott e Tony Blair “agora somos todos classe média” por trás do New Labour em uma sociedade capitalista que (somente) valoriza a classe média, deveríamos nos surpreender que seja difícil ressuscitar a luta de classes como um apelo à ação política em uma sociedade pós-socialista? [12] Contudo, se a história da derrota do fascismo e do papel central desempenhado pelo socialismo em sua queda nos ensina alguma lição, é que certamente temos que continuar tentando.

11 de janeiro de 2021

## **Notas**

[1] Spiegel International, 25 September 2013 “Will Germany’s Anti-Euro AfD Party Implode?”.

[2] openDemocracy, 22 December 2020 “Is fascism returning to Romania?”.

[3] Radio Free Europe, East European Perspectives: January 12, 2000 "Part III C: Radical Politics In Post Communist East Central Europe ".

[4] Cultures of History Forum, 19 February 2018 "Criminals, Martyrs or Saints? Romania's Prison Saints Debate Revisited".

[5] Politika "Fascism: historical phenomenon and political concept".

[6] Brill, 8 December 2017, Volume 6: Issue 2 "Building a Fascist Romania: Voluntary Work Camps as Mobilisation Strategies of the Legionary Movement in Interwar Romania".

[7] Romania Journal, 16 October 2019 "Romania has among the highest levels of income inequality in the EU, report says", United Nations Human Rights "Romania "in denial about extent of poverty, UN human rights expert says".

[8] LeftEast, 3 October 2018 "The putsch that never was: Romanian PSD in turmoil".

[9] Emerging Europe, 8 Decembner 2020 "Romania's wake up call".

[10] Cultures of History Forum, 24 August 2020 "Othering the Pandemic: Scales of Exclusion and Solidarity ", LeftEast, 11 May 2020 "[Thou shalt] Honour the asparagus!: Romanian Agricultural Labour in Germany during the COVID-19 Season.

[11] Sage Journals,  
East European Politics and Societies: and Cultures, 23 March 2020  
"Between Europeanisation and Local Legacies: Holocaust Memory and Contemporary Anti-Semitism in Romania ".

[12] The Guardian, 10 February 2011 "We are all working-class now".